

## **Aula 00**

*ABIN (Oficial de Inteligência - Área 1)*

*História Mundial - 2021 (Pré-Edital)*

Autor:

**Diogo D'angelo, Pedro Henrique  
Soares Santos**

14 de Julho de 2021

## Sumário

Os Imperialismos.....	3
Definição e Recorte temporal .....	3
Imperialismo informal: liberalismo para o mundo.....	3
Os tratados desiguais e a expansão econômica europeia.....	4
O Imperialismo formal da África e da Ásia .....	6
A partilha da África.....	6
O Imperialismo na Ásia .....	10
O Japão reage: a Restauração Meiji .....	12
Como explicar o Imperialismo?.....	14
As principais interpretações marxistas.....	14
A teoria do subconsumo de Rosa Luxemburgo.....	15
A explicação de Lenin.....	15
A interpretação Social-Democrata .....	17
A interpretação liberal do imperialismo .....	18
A teoria da Razão de Estado .....	18
Questões Comentadas .....	20
Lista de Questões.....	35
Gabarito.....	42



## APRESENTAÇÃO

Olá caro aluno!

Nesta aula voltaremos nossa atenção para os movimentos europeus de colonização de fins do século XIX e início do século XX na África e na Ásia, num processo que ficou conhecido como Imperialismo e neocolonialismo.

Conceitos ambíguos, teremos de salientar os debates acerca deles, mostrando como diferentes autores os entendem e como podemos interpretá-los! Nesse sentido, estejam atentos para as diversas correntes de pensamento que se misturam com correntes ideológicas do presente.

Depois de debater o conceito de imperialismo, estudaremos o passo-a-passo da dominação das potências europeias neste período e como algumas nações em particular tentaram resistir (China) ou se adaptaram ao novo mundo que agressivamente lhes era imposto (Japão).

Assim sendo, vamos juntos dominar mais um vasto conteúdo!



## OS IMPERIALISMOS

### Definição e Recorte temporal

A definição da categoria histórica “Imperialismo” é das mais ambíguas e polissêmicas do vocabulário do historiador. Pode significar uma gama bastante alargada de práticas e atividades de países desenvolvidos em relação a países menos desenvolvidos. Pode variar no tempo e no espaço a depender do gosto do historiador e de sua vertente ideológica. Por conta deste aspecto, é quase impossível encontrar consenso entre historiadores em relação a quando começou e por onde se estendeu.

Para os fins desta aula, partiremos de uma definição clara para que você possa acompanhar com facilidade. Trataremos o “imperialismo” como um movimento de países ocidentais, especialmente europeus, mas não exclusivamente, de conquista e dominação de países menos desenvolvidos e tecnologicamente inferiores na África e na Ásia. Nosso recorte temporal se estenderá do início do século XIX até a primeira Guerra Mundial.

Isso, embora facilite, não resolve alguns problemas que surgem quando se estuda esse fenômeno. Historiadores há que consideram as práticas liberais do século XIX como imperialismo – imperialismo informal –, outros não. De nossa parte, abarcaremos esse chamado “imperialismo informal” e depois explicaremos o imperialismo “formal”.

Outro ponto de contenda quando se aborda este assunto trata-se do “neocolonialismo”. Também conceito polissêmico, o neocolonialismo normalmente é trabalhado em conjunto com o imperialismo, mas ambos não devem ser confundidos! Há formas de imperialismo, como veremos, que não “colonizam” os novos territórios.

Feitas estas ressalvas, vamos iniciar nosso estudo do imperialismo a partir das práticas liberais utilizadas – e por vezes, forçadas – dos países europeus após as guerras napoleônicas.

### Imperialismo informal: liberalismo para o mundo

Esta nossa aula será centrada em *processos*, ou seja, um conjunto de práticas e ideias que levaram a cabo determinada coisa, nesse nosso caso, a dominação de várias partes do mundo pela Europa. Este processo imperialista está umbilicalmente ligado ao desenvolvimento do capitalismo, do qual se tratará com mais fôlego e profundidade em outra aula.

O primeiro passo desse processo de dominação foi, de acordo com muitos historiadores, a implantação do liberalismo econômico pelo mundo, iniciando particularmente na América Latina.

Para entendermos este impulso das potências europeias, temos de ter em mente o processo de destruição do colonialismo de Antigo Regime que se operava no continente americano desde 1776 – com a



independência dos Estados Unidos –, mas, principalmente, durante as décadas de 1810 e 1820, nas quais quase toda a América Latina ficou livre das metrópoles ibéricas.

As independências e cesura de laços entre colônias e metrópoles acabou por frear por um momento todo ímpeto europeu de colonizar novas terras. O colonialismo passou a ser visto como algo ruim, inclusive para a metrópole, que se via despovoada e envolvida em várias guerras que, por vezes, não lhes trazia nada de muito positivo. Veremos que isso mudará gradualmente ao longo do século XIX, quando novas teorias e justificativas surgiram na política e cultura europeias.

Assim sendo, várias potências europeias mudaram de estratégia quanto à busca do lucro e do engrandecimento do Estado. E isto significou, em muitos casos, a dominação econômica sem os custos da dominação político-administrativa. Economicamente mais dinâmica e superior que os demais continentes do mundo, a Europa valer-se-ia, então, de acordos comerciais que permitissem que seus produtos – ao invés de suas tropas – “invadissem” os mercados: os chamados tratados desiguais.

### Os tratados desiguais e a expansão econômica europeia

Como dito, um dos primeiros lugares onde se fariam estes tratados seria na América Latina. E o primeiro desses seria realizado com Portugal pelo mercado do Brasil, o famoso tratado de 1810.

Necessitando sair de Portugal para escapar da invasão francesa do reino, D. João VI precisou contar com o auxílio dos ingleses. Chegando em terras brasileiras, a primeira medida exigida pelas circunstâncias foi a abertura dos portos “às nações amigas”, o que se aplicava, naquele momento, basicamente aos ingleses. Pouco tempo depois, por muita pressão inglesa, foi assinado um outro tratado – Tratado de Comércio e Navegação – em que se estabeleciam taxas comerciais preferenciais para os produtos ingleses em terras brasileiras.

Depois da independência, no bojo das discussões para o reconhecimento português em 1825, foram criados outros tratados – no momento de discussão, secretos – que ampliavam por mais 10 anos, prorrogáveis por mais 3, as cláusulas do tratado de 1810. Embora tenham sido bastante criticados na Assembleia Geral brasileira, os tratados foram ratificados e permaneceram em vigor até 1840, quando a chamada Tarifa Alves Branco os substituiu.

Outros acordos do mesmo tipo foram realizados em outros países da América Latina. Quando houve resistências, as potências forçaram sua dominação econômica – caso da declaração conjunta de guerra do Reino Unido e da França contra a Argentina pela liberação do comércio das províncias interiores e de navegação do rio da Prata. Este movimento de sujeição americano aos interesses europeus é entendido, por Halperín Donghi, como a superação dos ibéricos pelos britânicos como grande eixo de dependência da região, capaz de sanar as necessidades de investimentos das elites econômicas locais.



De acordo com Amado Cervo, a aceitação dos tratados desiguais pelos latino-americanos em “troca de nada”<sup>1</sup> animou o governo inglês, que decidiu expandir essa prática para outros lugares e obter as mesmas vantagens.

De acordo com o mesmo autor, o passo seguinte dos ingleses foi em direção ao mercado turco-otomano (hoje diríamos somente “turco”). Em 1838, a Inglaterra realizou um tratado com o sultão, no qual os produtos ingleses pagariam uma taxa de importação de 5%, o que resultou numa inundação de produtos britânicos e, por consequência, a destruição das manufaturas otomanas.

Em seguida, os ingleses olharam mais para o Oriente, para os volumosos mercados da China e do Japão. Estes países, no entanto, seriam mais difíceis de sucumbir somente às pressões inglesas, e portanto

(...) a abertura dos dois países populosos envolveria o Concerto Europeu e o apoio diplomático norte-americano para desfazer golpes imperialistas de força, com notável senso de oportunidade e ostensiva imoralidade e covardia. Os interesses econômicos a tudo conferiam legitimidade.<sup>2</sup>

Assim, vários acordos foram realizados entre 1842 e 1860, alguns dos quais realizados após guerras, as mais famosas, as duas guerras do ópio.

A fase do imperialismo informal, de expansão das forças econômicas para fora da Europa por meio dos tratados seria um motivo para não realizarem a conquista colonial. Eles estavam ganhando dinheiro sem terem de se preocupar com os custos políticos de se manter vários povos sob seu domínio. Isto, no entanto, mudou quando o próprio liberalismo começou a sofrer com políticas protecionistas na segunda metade do século XIX empreendidas por algumas das potências. Seria a ameaça do fechamento de mercados que então levaria os grandes países a se expandirem militarmente pelo mundo subdesenvolvido.

Mas antes de entrarmos nesta outra narrativa, cabe aqui salientar as mudanças na cultura e na percepção do movimento colonizador. Como dissemos acima, o colonialismo foi mal visto na esteira dos movimentos de independência da América Latina e, em particular, após a onda nacionalista que varreu o Velho Mundo nas décadas de 1820, 1830 e, particularmente, 1848. O princípio da autodeterminação dos povos, ou seja, de que cada povo deve escolher seu governo e ser governado por “um dos seus”, seria contrário ao movimento de conquista e dominação de novos territórios. Essa ideologia se combinou bastante bem com o movimento econômico realizado por meio da expansão do liberalismo e dos tratados desiguais.

Esse aspecto cultural começaria, no entanto, a mudar a partir da segunda metade do século com o fortalecimento de tendências existentes anteriormente, como o caso da ideia de “progresso” e de “civilização”. A cruzada moral e religiosa que fizera parte do repertório de conquista dos países ibéricos durante os séculos XVI e XVII seria substituída pelo “dever” do homem europeu de levar “as luzes e o

---

<sup>1</sup> CERVO, Amado Luiz. “Hegemonia coletiva e equilíbrio” IN SARAIVA, José Flávio Sombra. *História das Relações internacionais contemporâneas*. São Paulo: Saraiva, 2007, p. 63.

<sup>2</sup> Idem.



progresso” a todos os povos do mundo. Devemos entender isso não como uma mera justificativa para as ações europeias, mas algo em que verdadeiramente os homens daquele momento acreditavam.

Com um tal imperativo moral de levar a civilização à barbárie existente no mundo, movimento que não estava desvinculado da religião – mas esta agora com um papel um pouco menor –, os europeus partiram à conquista da África e da Ásia. Vejamos agora como foram esses desenvolvimentos.

## O Imperialismo formal da África e da Ásia

O chamado imperialismo formal ou “novo imperialismo” da segunda metade do século XIX até a primeira Guerra Mundial pode ser dividido, conforme Saraiva, em dois momentos: 1. Um, até por volta de 1890, quando as potências puderam expandir-se sem que isso resultasse em tensões na Europa; 2. Outro, a partir de 1890, quando as faixas de terra não-colonizadas diminuíram e levaram a problemas de divisão de influência entre as potências.

Para facilitar sua compreensão, vamos iniciar pela partilha da África e passemos, em seguida, à partilha da Ásia.

### A partilha da África

Ainda que nos surpreenda atualmente, a divisão da África pelas potências europeias e sua subsequente dominação não foi algo que ocorreu ao longo de todo o século XIX, com uma lenta expansão pelo território africano. Ao contrário, foi fruto de uma rápida conquista que ocorreu gradualmente a partir do último quartel do século. De acordo com Saraiva, até 1876 somente 10% do território do continente era colônia europeia, possessões dentre as quais podemos destacar as terras do Império Português, a colônia do Cabo da Grã-Bretanha e a Argélia francesa.

Até a década de 1870, a África estava inserida, como as demais áreas acima referidas, no contexto de expansão do capitalismo industrial por meio de acordos e tratados de livre-comércio, com as exceções mencionadas. Interessante é notar que, até esse período final do século XIX, a África estava à margem das grandes preocupações europeias. As únicas ressalvas seriam o Egito, pela posição estratégica de controle do estreito de Suez e da rota comercial em direção à Índia – o que levou a Grã-Bretanha a dominá-lo – e, posteriormente a África do Sul pela descoberta tardia de minérios e diamantes. Neste sentido é que Bismarck exporia, na década de 1870, sua “profunda rejeição a um engajamento colonial da Alemanha, que ele considerava um luxo pomposo sem retorno econômico”.<sup>3</sup>

No entanto, isto muda radicalmente a partir de 1876 e durante os últimos 25 anos do século, os europeus passariam de 10% a 90% de controle do território africano. Ficariam de fora desta corrida inicial somente a Libéria e a Etiópia.

---

<sup>3</sup> SARAIVA, José Flávio Sombra. “Apogeu e colapso do sistema internacional europeu”. IN: *História das Relações internacionais contemporâneas*. São Paulo: Saraiva, 2007, p. 99.



O surto de colonização na África (conhecido pela expressão inglesa *scramble for Africa*) se iniciou após a decisão de alguns militares franceses presentes no Senegal – mas com proteção e incentivo do governo francês – de conquistar o interior da África Ocidental e depois expandir o território para a África Equatorial. Os interesses ingleses e belgas nestes locais ficaram, então, ameaçados. No caso dos ingleses, verdadeiros defensores do livre-comércio, a preocupação era com o protecionismo que os franceses poderiam vir a estabelecer nessas áreas, prejudicando o comércio e a produção inglesa. No caso belga, o avanço francês punha em risco o sonho do rei Leopoldo II de estabelecer um grande império na África Equatorial.

O Reino Unido decidiu, então, apoiar as pretensões portuguesas na África para evitar o expansionismo francês e todo esse movimento em conjunto levou a reclamações de vários outros países. Para resolver estes imbróglios e impasses foi então convocado, ainda dentro do espírito de Viena, um congresso, a chamada Conferência de Berlim, para uma decisão coletiva de como as potências deveriam proceder nesse novo movimento colonizador.

Ocorrida entre 1884 e 1885, a conferência contou com a presença de todas as potências europeias e dos Estados Unidos. Ao contrário do que comumente se pensa, essa reunião não decidiu a partilha dos territórios africanos pelos Estados europeus – embora tenha havido a tentativa portuguesa de conseguir ligar suas colônias de Angola e de Moçambique. O objetivo do congresso foi o de discutir a manutenção do livre-comércio nas regiões disputadas na bacia do Congo por Portugal, França, Inglaterra e Bélgica e que foi decidido com relativa facilidade e harmonia dentro dos padrões do concerto europeu. De acordo com Saraiva, o que deu relevância para a reunião das potências foi o seu caráter “potencialmente protecionista”. Segundo o autor:

Os participantes definiram condições mais duras, segundo as quais as aquisições coloniais seriam reconhecidas pelos outros Estados europeus. (...) decidiu-se a chamada ocupação efetiva como critério-chave de reconhecimento de domínio colonial pelas potências européias. Com isso, a presença mais informal, baseada no comércio legítimo, não serviria mais para definir domínio colonial.<sup>4</sup>

Definidas as regras para o reconhecimento das colônias, os países europeus saíram desenfreadamente à conquista, de modo a evitar dar mais espaço a seus adversários.

A Grã-Bretanha, que se tornou o maior dos impérios coloniais nesse momento, iniciou a ampliação de sua dominação pelo continente africano com temor de que a expansão de outros países levasse ao aumento do protecionismo comercial e a levasse a perder mercados para sua potente indústria. Assim, ela focou sua expansão para os lugares estratégicos do caminho marítimo para a Índia e para áreas com interesse comercial imediato, caso da Nigéria e Gana.

No caso do caminho para a Índia, o Egito se mostrava um ponto fundamental após a abertura do canal de Suez em 1869. Pelo domínio do Egito, entraram em contenda a Inglaterra e a França. O Estado egípcio era, à época, dependente e tutelado financeiramente pelas duas potências. A influência e preponderância dessas duas nações fez surgir um movimento de resistência no país árabe e que despertou o uso da força por parte

---

<sup>4</sup> Idem, p. 100.



dos europeus. Como a França se negava a enviar tropas para o Egito, a Inglaterra o fez sozinha, invadindo o país e dando-lhe o estatuto de protetorado inglês. Para assegurar o controle do Egito, o Reino Unido conquistou, então, o Sudão, Uganda e Quênia. O avanço inglês acirrou definitivamente os ânimos entre Grã-Bretanha e França. Esses problemas internacionais seriam capitalizados por Bismarck para desviar a atenção francesa das recentes derrotas para os alemães e canalizar o revanchismo para a corrida colonial, com o Chanceler de Ferro estimulando a corrida colonial francesa – sabendo que isso afastaria a França da Inglaterra progressivamente.

Outro foco de expansão do Império britânico foi a África do Sul, mas por motivos diversos aos elencados acima. De acordo com Saraiva, a África Austral estava inserida no sistema mundial de maneira diferente que o restante do continente, com uma história bastante particular. O sul da África havia sido colonizado por holandeses ao longo dos séculos XVII e XVIII e se tornara um ponto de imigração europeia, o que criou uma elite branca dirigente na região, os chamados bôeres. No fim do século XVIII e início do XIX, a Inglaterra invadiu a região e acabou com o domínio holandês. A história da colonização do sul da África pode então ser resumida assim:

a) a ocupação do território pelos colonizadores britânicos que empurravam as fronteiras da colonização cada vez mais para o interior; b) a migração dos colonizadores de origem holandesa (bôeres) para o interior do subcontinente, a fundação pelos bôeres de várias repúblicas independentes (Natal, Transvaal, Estado Livre de Orange) e as sucessivas anexações britânicas desses territórios desde 1845; c) a descoberta de diamantes na Griqualândia, em 1867, e das maiores jazidas de ouro do mundo no Transvaal, em 1885, o que modificou radicalmente a história da África Austral.<sup>5</sup>

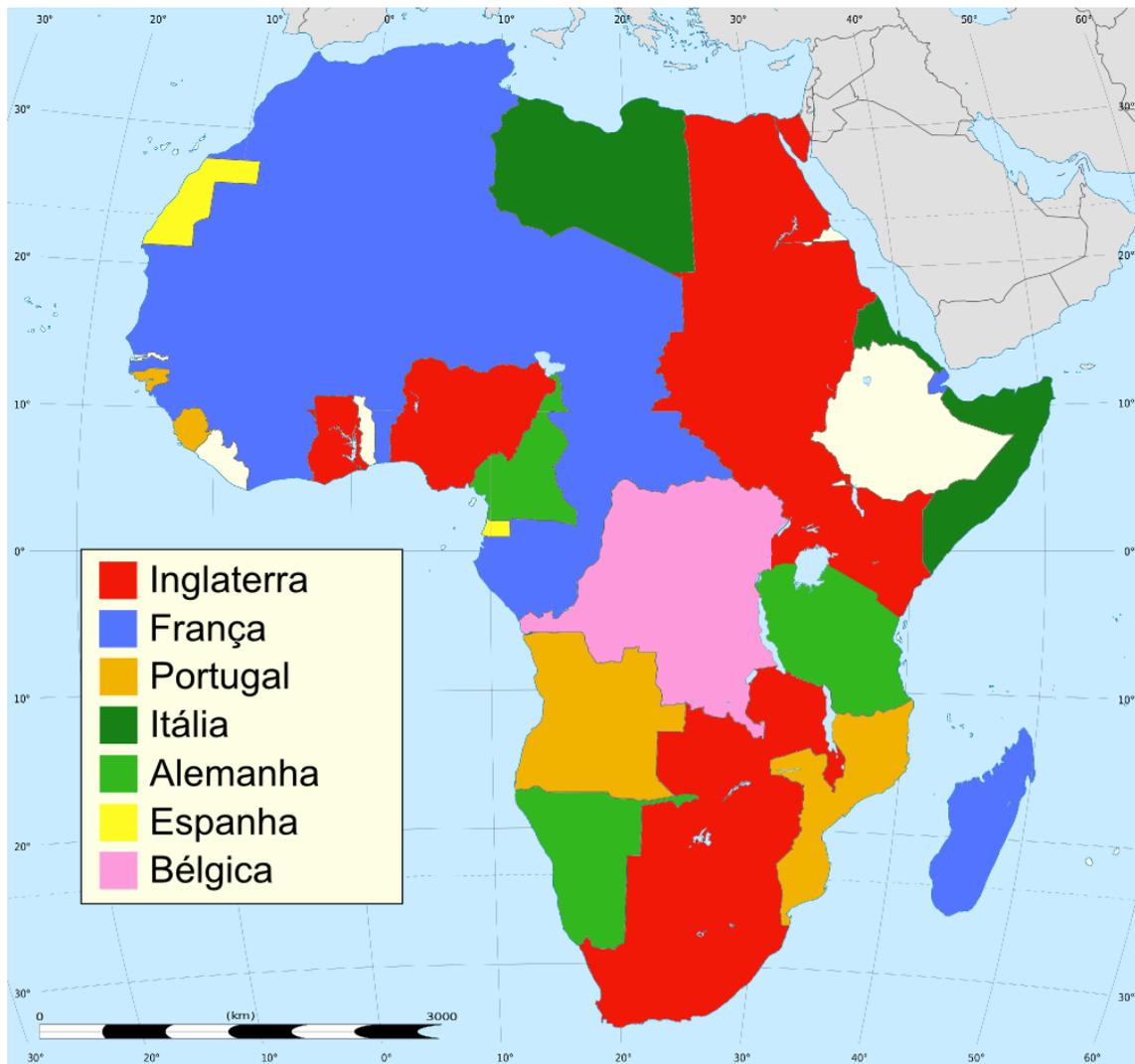
A descoberto dos valiosos minérios no sul da África levou a uma intensa colonização de brancos no local, diferentemente de tudo que havia ocorrido até então. Sucessivamente, a Inglaterra foi estendendo seu domínio pela região, anexando as repúblicas independentes fundadas pelos bôeres e tomando territórios dos aborígenes. Incontestavelmente, os ingleses alcançaram a supremacia imperial na região.

A França, que iniciou todo esse processo de corrida colonizadora pela África, não ficou para trás, embora não tenha tido o mesmo êxito que a Inglaterra. A Alemanha, que havia chegado tarde no conjunto das potências europeias – relembremos que o país fora unificado somente em 1871 – também reivindicou seu espaço e conseguiu algumas colônias no continente, após a saída de Bismarck e a mudança da política externa alemã. Acompanhe pelo mapa abaixo quais porções da África ficaram com que impérios.

---

<sup>5</sup> Idem, p. 102.





A reação dos povos autóctones variou muito dependendo das relações entre as etnias presentes no território dominado pelos europeus. Em alguns casos houve resistência aberta contra a chegada dos europeus, em outros, plena colaboração. Em situações de disputa entre tribos e grupos rivais, os europeus eram comumente “convidados” a entrar na disputa por um dos lados. Mesmo com essa fragmentação dos povos africanos, a “pacificação” colonial demorou até o início do século XX<sup>6</sup>. A única vitória de africanos nesse momento se deu na resistência etíope contra os invasores italianos, situação que seria invertida na década de 1930.

Resumida esta divisão da África, passemos então para o imperialismo dirigido aos Estados asiáticos.

---

<sup>6</sup> Idem, p. 103.



## O Imperialismo na Ásia

A característica geral mais marcante da atuação imperialista na Ásia é que ela combinou a conquista direta de territórios e a continuação do que chamamos de imperialismo informal dos tratados desiguais.

No caso inglês, temos a continuidade do domínio sobre o subcontinente indiano por meio da cooptação das elites locais (*indirect rule*), depois que a Companhia das Índias foi retirada do controle da colonização indiana. Continua-se, em relação à China, a dominação dos mercados por meio dos tratados desiguais.<sup>7</sup> Mas o império britânico se viu flanqueado pela rápida e importante expansão de russos e franceses na região e, depois, pelo avanço japonês sobre a China.

Os franceses expandiram suas colônias em direção ao sudeste asiático, conquistando a península da Indochina (Vietnã, Laos e Camboja). Do ponto de vista inglês, o avanço francês era uma ameaça à fronteira leste da Índia. Como nos explica Saraiva:

A França, que ocupava a Conchinchina desde 1867, decidiu, em 1882, após muitas hesitações, ampliar o seu domínio sobre os territórios de Annam e Tonkim (Vietnã), que eram Estados tributários ao Império Chinês. Depois de uma derrota militar pelas tropas francesas, no ano de 1885, a China foi forçada a concordar com o protetorado francês sobre a região. Finalmente, em 1893, a França declarou o seu protetorado colonial sobre o Laos. Embora as tensões entre a França e a Grã-Bretanha tenham-se acentuado, a Grã-Bretanha não interveio diretamente contra a expansão colonial francesa. Em vez disso, estendeu e fortaleceu seu domínio colonial na Malásia (...) e anexou a Birmânia, para segurar a fronteira do leste da Índia. O Sião (Tailândia) manteve a independência política por causa da sua utilidade como Estado-Tampão entre as esferas coloniais britânica e francesa.<sup>8</sup>

No caso russo, temos a expansão do império do czar pela Sibéria. Ao contrário dos impérios coloniais de ingleses, franceses, holandeses, americanos e outros, o império dos russos se expandia por terra e contíguo ao núcleo duro do império na Europa, ou seja, não havia descontinuidade no ultramar desta expansão, fator que por vezes nos engana em relação a sua natureza imperialista.

A ida dos russos em direção ao Oriente foi bastante significativa para as potências ocidentais que tinham consideráveis interesses na região. Os russos ameaçavam os interesses britânicos no Mediterrâneo e no mar Negro por sua tentativa de conquista dos estreitos de Bósforo e Dardanelos dos turcos-otomanos em meados do século XIX. Estas ameaças levaram à guerra entre França, Inglaterra e Império Turco contra a Rússia, na chamada Guerra da Criméia. Derrotada, a Rússia suspendeu por um tempo sua política de

---

<sup>7</sup> Vale aqui destacar as duas guerras do ópio mencionadas acima ocorridas entre 1839-1842 e 1856-1860. Essas guerras ocorreram quando a dinastia Qing chinesa tentou barrar a importação de ópio realizada pela Inglaterra para terras chinesas. O Reino Unido, que muito lucrava com o negócio do ópio, declarou guerra à China para a abertura de seu mercado e foi vencedora nas duas ocasiões que o império chinês tentou enfrentar a potência ocidental. Esses dois eventos são exemplos claros do imperialismo inglês em relação à China. Embora outros países não tenham realizados guerras com o mesmo objetivo, o enfraquecimento chinês perante os ocidentais levaria a uma relação assimétrica entre eles e à progressiva destruição econômica dos Qing.

<sup>8</sup> Idem, p. 104.



conquista e de expansão em direção à Europa e se dedicou à expansão em direção à Ásia, colonizando o território da Sibéria. Embora esparsamente povoada, essa imensa região tinha diferentes povos com diferentes culturas. Todos foram subjugados no movimento de expansão russa.

Se a Inglaterra temia a expansão russa para os estreitos do Mediterrâneo, tanto mais tinha receio da chegada do império do czar na Ásia. Isto porque o gabinete de Londres receava que os russos pudessem avançar sobre a jóia do império britânico – a Índia. O subcontinente indiano fora dominado aos poucos pelos britânicos ao longo da segunda metade do século XVIII por meio da atuação da Companhia das Índias Orientais. Após revoltas de indianos (revolta dos Sipaios ou Cipaio) contra algumas das políticas colocadas em prática pela Companhia, o governo passou para o Parlamento britânico na década de 1850. Pouco a pouco o gabinete inglês deixou de utilizar os *indirect rules* e a governar diretamente as populações indianas. Símbolo dessa nova realidade foi a coroação da rainha Vitória como imperatriz da Índia em 1877.

A chegada russa motivou tratados entre eles e os chineses para acordos de comércio no estilo dos que haviam sido feitos com os demais povos europeus. A expansão russa também iria esbarrar no expansionismo japonês, do qual falaremos adiante, e que resultará em guerra – a primeira que levará um povo europeu a ser derrotado por um país asiático. O medo da expansão russa levaria os japoneses a uma aliança entre o império japonês e o império britânico no início do século XX.

O fato concreto que mais preocupou o governo britânico foi o avanço das tropas russas em direção ao Afeganistão, situado na fronteira Oeste da Índia. Os britânicos se prepararam para um conflito, mas a Rússia recuou. O Afeganistão serviria de Estado-tampão entre as duas potências.

A China, embora não tenha sido dividida territorialmente entre os povos europeus, teve sua soberania atacada por meio de vários acordos, alguns dos quais frutos de guerra, como dissemos acima. A atuação imperialista se deu por meio da busca de abertura do mercado chinês aos produtos europeus e norte-americanos. A partir de 1853, “a Rússia, a França, a Alemanha e o Japão começaram a dividir a China em esferas exclusivas de influência, o que poderia ser visto como uma etapa para a divisão colonial”.<sup>9</sup> Essa divisão, no entanto, não ocorreu em face do cálculo de custo político-militar que significaria essa partição. Por outro lado, a Inglaterra e os EUA quiseram manter a China aberta.

---

<sup>9</sup> Idem.





Também aqui no imperialismo asiático encontramos um novo ator em cena, os Estados Unidos. Os norte-americanos, depois de alcançarem a costa do Pacífico iniciaram sua política imperialista, em direção ao Caribe – caso de Cuba e de Porto Rico –, em direção às ilhas do Pacífico – como, por exemplo, o Havaí – e, em direção à China e ao Japão, conquistando, no processo, as Filipinas após sua vitória na guerra contra a Espanha em 1898.

O caso do Japão, por ser algo bastante específico e importante, vamos abordar em ponto separado, já que, dentre todos os casos, foi o mais diferente das nações asiáticas.

### O Japão reage: a Restauração Meiji

O império do Japão foi encontrado pelos europeus desde muito cedo, no século XVI quando da expansão colonial dos países ibéricos. Abrindo-se inicialmente aos europeus, logo a elite dirigente do país – com Tokugawa a frente – fechou as ilhas ao comércio e ao proselitismo religioso dos europeus, banuiu todas as armas de fogo e manteve a mesma estrutura política, militar e econômica anterior, a que comumente chamamos de “medieval”.

É esse mesmo Japão “medieval” que será visto quando da chegada de europeus e norte-americanos na região com o impulso imperialista no século XIX. Em 1853, navios norte-americanos chegaram às ilhas japonesas e demandaram do governo japonês que abrisse seus mercados aos produtos norte-americanos. A resistência seria inútil, haja visto a abismal diferença tecnológica entre os dois povos. Impossibilitado de



reagir ao “agressor”, o governo japonês cedeu e, depois de abrir o mercado aos americanos, liberou sua economia aos demais povos europeus também.

Numa reviravolta política que não precisa ser abordada em detalhes nesta aula, o imperador japonês, que desde o século XVI pouco poder possuía na condução dos negócios políticos, conseguiu tomar as rédeas do país e controlar os antigos Daymios e o Shogunato que controlavam o país. Esse movimento da década de 1860, chamado Restauração Meiji, realizaria, então, uma série de reformas modernizadoras do país, enviando pessoas para estudar em países europeus, criando indústrias, modernizando seu exército conforme os modelos mais atualizados da Europa.

Em pouco tempo, o Japão se transformou numa potência regional e iniciaria também sua expansão imperialista. Entrou em guerra com a China, vencendo em 1895, recebendo o controle da ilha de Formosa, as ilhas dos Pescadores e garantiu sua hegemonia sobre a Coreia, que foi anexada em 1910.

O Japão reservou-se os mesmos privilégios comerciais e políticos que as outras potências imperialistas já tinham extraído da China. Com a vitória contra a Rússia, em 1905, a influência japonesa ampliou-se no continente asiático, principalmente na Manchúria do Sul. Durante a Primeira Guerra Mundial, a expansão japonesa no território chinês ganhou novo êxito. Em 1931, finalmente, o Japão retomou, com a invasão da Manchúria, as conquistas territoriais em grande escala, iniciando as hostilidades que depois se integraram à Segunda Guerra Mundial na Ásia.<sup>10</sup>

Uma questão que sempre surge quando se estuda o imperialismo e o caso japonês é: por que o Japão escapou dos destinos de que sofreram a China e seus vizinhos asiáticos?

Não há resposta simples, nem uma relação causal que possa explicar de maneira fácil esse movimento japonês. Temos, no entanto, duas grandes explicações consensuais entre os historiadores: 1. O Japão não possuía, ou não parecia oferecer, as mesmas riquezas que a Indochina e, claramente, a China; 2. Ao contrário da China, que se fechou ao estrangeiro e à modernização, o Japão abraçou as instituições dos ocidentais e se utilizou delas para sua própria proteção e expansão.



Dois aspectos importantes merecem ser acrescentados ao exposto porque vêm sendo cobrados nas provas do CESPE: sua modernização e seu caráter colonialista.

A modernização japonesa ocorrida no processo que chamamos de restauração Meiji reformou grandemente o exército japonês e revolucionou sua economia, conforme dissemos. Entretanto, esse processo **acomodou-se com as tradições japonesas**.

---

<sup>10</sup> Idem, p. 105.



Outro ponto relevante de se destacar é o aspecto colonialista empreendido pelo Japão. Podemos com certeza falar de uma atitude “imperialista” do Japão após a restauração Meiji. Mas também não podemos esquecer sua face “colonialista”. Após sua transformação político-econômica-militar, o Japão passou a adotar uma postura mais agressiva frente à China e outros países da Ásia. Esteve em guerra contra a China entre 1894-1895 e obteve cessões territoriais dessa, a Ilha de Taiwan (Formosa) e a Ilha dos Pescadores. Depois, em 1905, a Coreia passou a ser um protetorado japonês pelo tratado de Eulsa. Em 1910 foi anexada definitivamente ao império japonês. O Japão voltaria a guerrear com a China, anexando partes do território chinês na década de 1930.

-----

Tendo trabalhado em linhas gerais o movimento de expansão das potências ocidentais em relação à África e à Ásia, vamos agora entender como várias correntes tentaram entender e explicar o imperialismo.

## COMO EXPLICAR O IMPERIALISMO?

Tendo estudado historicamente o fenômeno do imperialismo ocidental ao longo do século XIX e no início do século XX, cabe-nos agora entender como diferentes perspectivas intelectuais – misturadas com ideologias políticas – interpretaram e explicaram o imperialismo.

De acordo com Norberto Bobbio, podemos discernir quatro grandes tendências interpretativas principais sobre a natureza e a origem do “imperialismo”: a corrente marxista com duas interpretações distintas; a interpretação social-democrata; a explicação liberal e a corrente baseada na teoria da razão de Estado.

### As principais interpretações marxistas

Antes de mais nada, é necessário afirmar nesta seção que não existe uma interpretação dada pelo próprio Karl Marx sobre o imperialismo. Existem considerações que são feitas a partir de suas ideias sobre o colonialismo, dos quais os marxistas retiram as bases de suas perspectivas do imperialismo.

Que considerações são essas? Pode-se entender o fenômeno da expansão imperial dentro da visão de Marx como um desdobramento das contradições internas ao sistema capitalista de produção, quais sejam, a tendência de queda das taxas lucros advindos de maior competição e ao problema da obtenção da mais-valia. Na tentativa de remediar os problemas inerentes ao capitalismo, as classes burguesas ligadas ao sistema produtivo impulsionariam a anexação de novas zonas econômicas anteriormente desconexas do sistema capitalista global, permitindo a obtenção – temporária – de lucro, até que a competição e as contradições do sistema pressionassem por mais expansão.



Para as interpretações marxistas que abordaremos a seguir, todas as formas de violência internacional desde fins do século XIX provinham, predominantemente, destas contradições do sistema capitalista, cuja face era o imperialismo. Sendo assim, para eles, somente pela superação do sistema capitalista, por meio da revolução socialista, é que não mais haveria imperialismo e, portanto, violência internacional. Temos, portanto, um grupo de intelectuais que afirma, claramente, que o sistema socialista estaria imune às tentações expansionistas imperiais porque teria já superado as contradições típicas do sistema capitalista.

As principais vertentes marxistas são aquelas pensadas por Rosa Luxemburgo e Lenin.<sup>11</sup>

## A teoria do subconsumo de Rosa Luxemburgo

A explicação de Rosa Luxemburgo para o fenômeno do imperialismo é, dentro das interpretações marxistas, a com menor expressividade.

Para Luxemburgo, a crescente pobreza das classes trabalhadoras gerada pela expansão do capitalismo faz com que esses grupos tenham menores rendimentos e poderes aquisitivos. Sendo assim, a expansão capitalista, gerando pobreza nos países onde se instala, acaba criando os obstáculos para suas novas expansões, já que o excedente produtivo não encontraria mercado para consumi-lo. Desta forma, o capitalismo, para sobreviver, deveria ser introduzido em outras áreas pré-capitalistas de modo a permitir sua contínua expansão. No início do modo de produção capitalista, essas áreas de expansão eram as áreas “atrasadas” dos países europeus, notadamente o campo. Posteriormente, fez-se necessário ir para as regiões pré-capitalistas do mundo, por meio do sistema de colônias. Porém, como o território é finito, logo chegaria o momento em que não mais haveria território para acomodar todos os interesses capitalistas, resultando em conflitos entre as potências capitalistas do mundo. Como nos diz Bobbio:

(...) torna-se indispensável, para poder ser absorvida toda a produção corrente, a existência de uma “terceira pessoa”, de um comprador extrínseco ao sistema capitalista. Tem de haver, em resumo, um mundo não capitalista ao lado do mundo capitalista, para que o funcionamento não fique entravado. (...) Sendo as áreas de exploração limitadas, mais tarde ou mais cedo os conflitos serão inevitáveis, como inevitável será também a catástrofe do sistema capitalista, quando os mercados externos se tornarem igualmente insuficientes [conforme a perspectiva marxista].<sup>12</sup>

Mais significativa do que esta interpretação nos meios marxistas seria a explicação de Lenin ao imperialismo.

## A explicação de Lenin

Interpretação mais “ortodoxa” do campo marxista, a explicação de Lenin para o imperialismo deriva de outro aspecto da teoria de Marx, que se refere à decrescente taxa de lucro do sistema capitalista. Essa taxa em queda é explicada pelo aumento da concorrência entre capitalistas, a qual podemos explicar assim: a lei de

---

<sup>11</sup> BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998, p. 612-613.

<sup>12</sup> Idem, p. 613.



mercado impulsiona os donos dos meios de produção a investirem largas somas de dinheiro em tecnologia e maquinaria para vencer seus rivais, gerando um ciclo interminável de novos vultosos investimentos. Essa luta diminuiria consideravelmente o lucro que capitalistas obteriam caso não precisassem competir de maneira tão selvagem.

Por outro lado, a expansão do trabalho das máquinas diminuiria a necessidade de mão de obra humana, fonte única da mais-valia e, em última instância, de verdadeiro lucro. A longo prazo, a mecanização também faria com que poucos capitalistas pudessem sobreviver à intensa concorrência, gerando uma concentração de capitais nas mãos de uns poucos sem precedentes. A fase de competição do capitalismo seria, assim, substituída por uma outra – mais avançada na concepção marxista-leninista –, a do capitalismo de monopólio.

Este gigantesco poder econômico adquirido pelos poucos capitalistas se transforma em poder político e em controle das instituições de Estado. É dessa forma que o Estado passa a se tornar um veículo de defesa e de expansão desse sistema. Como explica Bobbio:

Naturalmente, com o crescimento e consolidação dos monopólios, cresce também a tendência ao controle do Governo do Estado pelo poder econômico. A política nacional não é senão resultado desta influência. Nesta fase do desenvolvimento capitalista, dada a organização da produção a nível mundial, a atividade dos monopólios não pode cingir-se aos limites do Estado. O “capital financeiro”, fruto da fusão entre capital bancário e capital industrial, tenta assegurar o controle das matérias-primas e dos mercados mundiais. Mais cedo ou mais tarde, os interesses entram em conflito entre si. O mundo é dividido em áreas de influência entre os diferentes monopólios, ou então, o que é o mesmo, entre os diferentes Governos. Concluída a divisão do mundo em áreas de influência, aumenta a tensão entre os diversos grupos e a guerra se torna mais cedo ou mais tarde inevitável, deixando assim aberto o caminho ao desencadeamento da revolução socialista.<sup>13</sup>

Observem que estas explicações marxistas são bastante genéricas e não entram em detalhes sobre como, exatamente, ocorrem alguns processos. Daí a dificuldade, por vezes, de compreender-se a doutrina marxista, ao mesmo tempo que se torna plástica para ser aplicada a diversos contextos.

Essa interpretação de Lenin ganhou mais força do que a de Rosa Luxemburgo por alguns motivos. Em primeiro lugar, temos a própria força política desses atores influenciando a propagação de suas ideias. Lenin, ao contrário de Luxemburgo, foi vitorioso na implantação do sistema socialista no mundo. Isso fez com que seus escritos ganhassem uma notoriedade muito maior entre a intelectualidade marxista do que os de sua colega. Em segundo, Lenin rompeu com R. Luxemburgo na Segunda Internacional, taxando os socialistas-democratas alemães de inimigos da revolução socialista. No âmbito teórico, a explicação leninista pareceu estar mais ligada à realidade histórica, na perspectiva de alguns intelectuais. Igualmente, sua explanação se ocupa de um tipo de imperialismo que não estava abarcado na teoria de Luxemburgo, qual seja, aquele voltado também para as áreas já altamente desenvolvidas, como o caso da conquista da Alsácia-Lorena pela Alemanha. Por fim, ela foi considerada mais elástica para explicar uma série de acontecimentos no tempo e

---

<sup>13</sup> Idem.



no espaço, característica não encontrada na tese do subconsumo/empobrecimento do proletariado de Rosa Luxemburgo.

## A interpretação Social-Democrata

O conjunto das interpretações social-democratas possuem duas características em comum que as diferenciam completamente das teorias marxistas elencadas acima: 1. Eles rejeitam a tese da relação umbilical entre o Imperialismo e o capitalismo, isto é, de que é o último que causa o primeiro e que, portanto, somente por sua superação é que o imperialismo poderá deixar de existir; e 2. Que as práticas imperialistas do capitalismo podem ser substituídas por meio de reformas democráticas e econômicas.<sup>14</sup>

Dito isso, temos alguns autores com características específicas importantes de serem elencados. O primeiro é Hobson que também trabalha com a ideia trazida por Rosa Luxemburgo do subconsumo. A diferença de seu pensamento reside no fato de que, para ele, é possível superar o subconsumo das massas trabalhadoras por meio de reformas econômicas – incluindo aí um aumento do gasto público e incentivo da produção – para que a expansão da produção encontrasse nos mercados internos seus consumidores. Desta forma, evitar-se-ia as ações imperialistas com vistas a se encontrar novos mercados.

Outro autor importante para essa linha interpretativa do imperialismo é Kautsky. Este intelectual sustenta a tese de que o imperialismo agressivo não é uma “fase necessária do capitalismo, mas uma de suas políticas”.<sup>15</sup> Em outras palavras, é uma escolha de membros das elites políticas dos países desenvolvidos e não uma necessidade específica do sistema de produção. Para Kautsky, seria possível substituir esta política imperialista por outra, qual seja, “ultra-imperialista”, uma política de colaboração entre as potências capitalistas para a organização do mercado mundial.

Kautsky avança mais ainda e afirma que a implantação de uma tal política “ultra-imperialista” seria muito mais benéfica às classes trabalhadoras do que a perseguição do ideal socialista. Ou seja, para as classes subalternas, muito mais vale lutar pela evolução do capitalismo em seu sentido pacífico – enfraquecendo o militarismo – do que pela implantação do comunismo.

Como resume bem Bobbio:

Em conclusão, a linha interpretativa social-democrática do pós-guerra tem como característica (...) que se pode resumir desta maneira: assim como nos países industrializados mais avançados as políticas encaminhadas a subordinar o desenvolvimento econômico ao interesse geral, mesmo sem eliminar radicalmente o papel da livre iniciativa e do mercado (planejamento econômico, controle dos investimentos, política regional etc.), estão em vias de superar os desequilíbrios econômicos, sociais e territoriais, provocados por um capitalismo desenfreado, assim o mesmo poderá ocorrer em dimensões mundiais no que concerne ao desequilíbrio fundamental entre países ricos e países pobres, na medida em que o mercado mundial for orientado pelos meios da

<sup>14</sup> Idem, p. 615.

<sup>15</sup> Idem.



programação, da política regional etc., em vez de ser abandonado à ação sem controle das grandes empresas multinacionais.<sup>16</sup>

## A interpretação liberal do imperialismo

A teoria liberal do imperialismo formulada por Schumpeter em 1919 é o oposto das interpretações marxistas. Ou seja, enquanto que para os marxistas o imperialismo é uma expressão clara do modo de produção capitalista – motivado seja pelo subconsumo ou pelas disputas de mercado–, a interpretação de Schumpeter afirma que o Imperialismo é a expressão de formas pré-capitalistas de organização econômica. Neste sentido, o aprofundamento do capitalismo seria a saída para o fim do imperialismo!

O argumento de Schumpeter, resumidamente, é o de que o capitalismo é essencialmente pacífico. Isto porque as práticas capitalistas – que visam ao lucro, ao acúmulo de riquezas e ao reinvestimento – são bastante racionais nos cálculos de custo-benefício, o que, segundo ele, estende-se para as demais esferas da vida política e social. Neste sentido, o modo capitalista tenderia à anulação de atitudes irracionais e violentas nas relações internas e internacionais – que prejudicariam a produção e o comércio – e as canalizaria para a competição de mercado. E se persistem ainda atitudes de violência e de expansionismo numa cultura capitalista, isso é reflexo da manutenção de elementos pré-capitalistas na cultura e nas condutas psicológicas da população daquele determinado Estado. O exemplo mais concreto destas “reminiscências” seria o caso dos nacionalismos exacerbados frutos, de acordo com o mesmo autor, das lutas de poder que se desenrolaram na Europa ao longo das idades média e moderna.<sup>17</sup>

A originalidade do pensamento de Schumpeter fez sucesso porque permitiu a intelectuais refletirem sobre práticas imperialistas de países que não eram capitalistas, como a União Soviética. Passemos, por fim, à última das interpretações sobre o imperialismo que abordaremos nesta aula.

## A teoria da Razão de Estado

Todas as teorias abordadas anteriormente têm algo em comum, qual seja, o fato de que para elas o imperialismo resulta, antes de mais nada, de estruturas internas dos diferentes países – seja o capitalismo, sejam outras formas pré-capitalistas de produção. Portanto, suas conclusões – embora caminhem em direções diferentes – são, em abstrato, iguais: somente a superação de determinada forma econômico-política do Estado é possível acabar definitivamente com o imperialismo. Temos, portanto, o primado do plano interno sobre o externo.

Diferentemente dessas teorias, a interpretação do imperialismo a partir da análise da razão de Estado compreende que as relações internacionais possuem, em certa medida, autonomia frente às questões internas dos países – sem que possamos dizer que estejam completamente desconexas. Para esta orientação “internacionalista” do fenômeno imperialista, as relações internacionais são “caóticas e anárquicas”, no sentido de que não há autoridade suprema entre os Estados para regular sua atuação na esfera internacional,

<sup>16</sup> Idem, p. 616.

<sup>17</sup> Idem.



fazendo com que operem como unidades soberanas em ambiente de anarquia. Desta forma, reina, na interação entre as unidades política, a lei da força, o cálculo puro de poder, no qual os mais fortes dominam sobre os mais fracos.

Por outro lado, a necessidade das potências de se manterem como tal e de se resguardarem do avanço de outros rivais, impele-as a “reforçar incessantemente (...) o próprio poderio, mesmo mediante a conquista territorial, onde e quando se ofereça a ocasião e a possibilidade para prevenir a intervenção das potências concorrentes.”<sup>18</sup>

Para esta corrente, assim, a única forma de se acabar com o imperialismo seria por meio da adoção de uma espécie de governo federal mundial, em que reine a lei e não a força. Das mais originais, esta teoria explica, de maneira abstrata, muitos dos casos de expansão imperialista que ocorreram no mundo desde o século XIX até o pós Segunda Guerra Mundial.

---

<sup>18</sup> Idem, p. 617.



## QUESTÕES COMENTADAS



### CESPE ABIN 2018

74 Como resultado do expansionismo europeu do final do século XIX, os portugueses colonizaram o litoral de Angola e Moçambique, mas não conseguiram avançar para o interior desses territórios.

#### **Comentário:**

Portugal já havia colonizado esses territórios africanos no processo conhecido como “Colonialismo de Antigo Regime” e já havia se apossado de terras do interior africano bem antes do século XIX.

75 No final do século XIX, o Japão tornou-se uma potência colonialista, como o demonstra a Primeira Guerra Sino-Japonesa.

#### **Comentário:**

O Japão, depois de modernizar seus exércitos ao modo ocidental, passou a buscar maior espaço de atuação na Ásia. Assim, entrou em guerras com a China (a primeira guerra Sino-Japonesa data de 1894-1895) e anexou a ilha de Formosa e a Ilha dos Pescadores. Suas políticas, além de imperialistas também se tornaram colonialistas. Item correto.

### CACD 2005

#### Questão 10

Na segunda metade do século XIX, o imperialismo — inclusive por sua vertente neocolonialista — atesta o grau de desenvolvimento do capitalismo e sua incessante busca de conquista dos mercados mundiais. A respeito desse processo de expansão, julgue (C ou E) os itens seguintes.

( ) O surgimento de uma Alemanha unificada, a partir de 1870, adicionou elemento novo e potencialmente explosivo na acirrada competição por colônias e mercados encetada pelas potências industrializadas. Esse novo elemento está na raiz de sucessivas crises que, em princípios do século XX, desnudaram a precariedade do equilíbrio de poder e do quadro de paz existente na Europa.

#### **Comentário:**



De fato, a unificação da Alemanha traria sérios problemas ao equilíbrio europeu, uma vez que o novo país, enxergando-se como potência, queria abertura no arranjo internacional para seus interesses. Item correto.

( ) A Conferência de Berlim, em fins da década de 80, tratou da partilha da África entre os grandes Estados europeus. Digna de destaque foi a preocupação registrada no documento oficial do encontro, qual seja, a de se respeitar a identidade étnico-cultural dos povos africanos no momento da definição das fronteiras coloniais.

**Comentário:**

O erro desta questão é muito fácil de ser encontrado. As potências europeias não pensaram nas diferenças étnico-raciais dos povos autóctones no momento de demarcar as fronteiras coloniais. Os interesses econômicos e geopolíticos foram os predominantes na definição dos limites das colônias. Item errado.

( ) A fragilidade do Estado chinês, imerso em profunda crise interna, facilitou a presença, nesse país, do imperialismo ocidental na segunda metade do século XIX. Em pouco tempo, boa parte do litoral da China passou ao controle das potências ocidentais e, graças a tratados desiguais, a elas foi conferido o direito de extraterritorialidade.

**Comentário:**

A China durante o século XIX foi incapaz de se modernizar e reagir à altura do desafio imposto pelas potências europeias. Depois de várias derrotas militares e diante a incapacidade de lutar contra uma coalizão de potências, a China aceitou os vários acordos desiguais, os quais vimos alguns nesta aula, e passou alguns territórios para estrangeiros – Hong Kong sendo o caso mais expressivo deles. Item correto.

( ) Foge aos padrões tradicionais a forma pela qual o Japão reagiu às pressões externas para que abrisse seu mercado ao comércio internacional. A Era Meiji, iniciada nesse contexto de expansão do capitalismo, significou a decisão de se proceder à modernização do país, inserindo-o na nova economia mundial, sem que se abdicasse da soberania.

**Comentário:**

O caso japonês é bastante interessante exatamente porque foge completamente à dinâmica dos demais países asiáticos durante o século XIX. Contrariamente à China e outras localidades da região, o Japão decide ir pela via de abraçar a modernização ocidental, ainda que isso tenha significado a destruição das bases tradicionais nas quais se assentava sua sociedade. A Restauração Meiji, ou Era Meiji, foi uma modernização autoritária que levou a uma nova sociedade japonesa que em pouco tempo se transformaria, ela mesma, em imperialista no Extremo Oriente, enfrentando e conquistando parte do território de sua antiga rival, China. Item correto.

**CACD 2006**

Texto para a questão 53.



O século XX coincidiu com a máxima expansão das categorias fundamentais do mundo moderno — sujeito e trabalho —, eixos que presidiram a atualização e exasperaram os limites do liberalismo e do socialismo, as duas grandes utopias da modernidade. Tais utopias não nasceram no século XX, mas este foi o laboratório mais distendido de todas elas, o campo concreto de experimento de suas virtualidades, das suas figuras e de sua imaginação. Talvez por isso o século XX exiba uma característica única e contraditória: parece ter sido o mais preparado e explicado pelos séculos anteriores e, simultaneamente, o que mais distanciou a humanidade de seu passado, mesmo o mais próximo, decretando o caráter obsoleto de formas de vida e sociabilidade consolidadas durante milênios. O século XX foi o salto definitivo da humanidade para o futuro, para a história entendida como transformação permanente e fluxo contínuo do tempo em direção a um tempo de abundância e liberdade, perspectiva avalizada pela sistemática ampliação das promessas da ciência, da tecnologia, das novas modalidades de organização social e da produção material. Um século, portanto, de mandamentos utópicos que sacrificaram o passado e seus mitos, mudaram o ritmo da vida e ocidentalizaram a Terra, tornando-a mais homogênea e seduzida por semelhantes imagens de futuro. Nesse sentido, nada mais próximo e nada mais distante do século XIX do que o século XX.

Rubem Barboza Filho. Século XX: uma introdução (em forma de prefácio). In: Alberto Aggio e Milton Lahuerta (orgs.). Pensar o século XX: problemas políticos e história nacional na América Latina. São Paulo: Editora UNESP, 2003, p. 16 (com adaptações).

### Questão 53

No quadro mais amplo da contemporaneidade, o texto aproxima e distingue tendências do século XIX e do século XX. Nesse contexto, julgue (C ou E) os itens seguintes.

( ) A Revolução Industrial consolida novas relações de produção e, ao promover a expansão imperialista, contemplando novas formas de dominação colonial, estende a atuação do moderno capitalismo às mais distantes regiões do planeta.

#### Comentário:

Como pôde perceber em nossa narrativa sobre o imperialismo no período do final do século XIX e início do século XX, há uma correlação clara entre a expansão capitalista e suas correlatas necessidades econômicas e a dominação de terras na África e na Ásia ou ao menos a propagação dos acordos desiguais. Vemos nesta questão uma explicação do imperialismo que é associada ao capitalismo, como é típico de explicações marxistas para o fenômeno. Daí o necessário estudo e entendimento sobre as diferentes perspectivas para a dominação imperialista! Item correto.

( ) Ao contrário da Ásia e, particularmente, da África, ambas repartidas entre as principais potências ocidentais, a América Latina praticamente não sofreu a ação do imperialismo, o que se explica pelo fato de, em larga medida, as antigas colônias ibéricas terem conquistado sua independência na primeira metade do século XIX.

#### Comentário:



O erro deste item encontra-se na afirmação de que a América Latina não teria sofrido com o imperialismo. Dois pontos são importantes aqui: primeiramente destacar que o imperialismo sofrido pelos países da América Latina foi, em grande parte, realizado pelos EUA, como vimos em aula pretérita. Isso não quer dizer que os países da Europa não tenham participado disso e, esse é o segundo ponto, vimos que essa prática imperialista européia se deu principalmente por meio de tratados desiguais, dentre os quais podemos destacar o “pioneirismo” realizado no Brasil com os tratados de 1810 e depois de 1827 com a Inglaterra. Item errado.

( ) Liberalismo e socialismo são duas das grandes representações do século XIX que estendem sua presença no século seguinte. Ao passo que o socialismo foi empunhado por setores da burguesia comprometidos com a justiça social e com uma face mais humanizada do capitalismo, o liberalismo mostrou, desde o primeiro momento, ser o abrigo natural dos grupos democrático-radicais.

**Comentário:**

Questão muito fácil! O socialismo foi a bandeira de grupos mais radicais devotados à transformação da sociedade por meio da destruição do sistema capitalista e sua substituição pelo socialismo. O inimigo por excelência dos socialistas é o burguês, que é o detentor dos meios de produção no capitalismo. O liberalismo, por sua vez, é a bandeira dos burgueses – de acordo com a historiografia com a qual estamos lidando – uma vez que defende a liberalização dos mercados e das economias e a preponderância das forças econômicas que se regulam sozinhas. Item errado.

( ) Entre as últimas décadas do século XIX e as primeiras do século XX, as disputas imperialistas e o jogo de interesses conflitantes entre as grandes potências européias inscrevem-se entre os fatores determinantes, mas não únicos, para a eclosão da Grande Guerra de 1914.

**Comentário:**

Como veremos em aula futura, as disputas por colônias e mercados se mostrariam importantíssimas no contexto que levou à Primeira Guerra Mundial. Item correto.

**CACD 2009 (caderno verde)**

**Questão 74**

No que concerne ao domínio de potências coloniais na Ásia, no início do século XX, julgue (C ou E) os próximos itens.

( ) A China, civilização milenar e até então com estrutura política própria, foi dividida em protetorados sob domínio das potências ocidentais, ficando o imperador com sua autoridade restrita a Pequim e arredores.

**Comentário:**

Embora a China tenha sofrido a ação de várias potências ocidentais, esta se deu, prioritariamente, sob a forma de tratados desiguais, ao contrário de seus vizinhos na Indochina. Alguns autores explicam este



fenômeno pela acirrada competição entre as potências ocidentais – das quais fazia parte neste momento os EUA. Assim sendo, dividiram os mercados chineses sem dividir seu território, com exceções de alguns locais na costa do país que passaram para o controle direto das potências. Item errado.

( ) A tentativa de modernização promovida pela imperatriz Tsenhi, na Reforma dos Cem Dias, gerou tensões que provocaram sua deposição, tendo a Revolução de 1911, que proclamou a República, posto fim à dinastia Manchu na China.

**Comentário:**

Temos aqui erros na atribuição de alguns papéis. A tentativa de reforma que ficou conhecida como a Reforma dos Cem dias foi realizada pelo imperador Guangxu. A imperatriz Cixi, apoiada por setores mais conservadores da China foi contra as reformas e conseguiu anulá-las. Com a revolta dos Boxers, entre 1899 e 1900, percebeu-se a necessidade de mudanças, mas o governo imperial foi incapaz de realizá-las a contento. Somente com a proclamação da república em 1911 é que isso seria feito com mais intensidade. Item errado.

( ) O Japão preservou sua independência ao promover modernização de grande envergadura, assimilando métodos e costumes ocidentais.

**Comentário:**

Exatamente. Como vimos, a Restauração Meiji transformou o país, ocidentalizando-o e permitindo sua rápida modernização. Apesar de mudanças na organização de seus exércitos e na organização política, muitos dos costumes japoneses foram integrados na “nova cultura” sendo trazida do Ocidente. Sendo assim, a modernização japonesa não foi uma sobreposição à cultura deles, mas uma acomodação. Item correto.

( ) O novo poderio militar japonês ficou comprovado na guerra de 1904-1905 contra a Rússia.

**Comentário:**

A guerra entre russos e japoneses por área de influência no Extremo Oriente foi a primeira em que europeus perderam para asiáticos, demonstrando, assim, o nível técnico e militar que os japoneses tinham alcançado. Item correto.

**CACD 2011**  
**Questão 49**

O conceito de imperialismo é polissêmico, tendo sido utilizado pela historiografia mundial em referência a diferentes processos históricos. Acerca do imperialismo formal no final do século XIX e início do século XX, julgue (C ou E) os itens subsequentes.

( ) Os indirect rules, forma de ocupação territorial anglofrancesa na Ásia e na África, constituíram o modelo hegemônico de expansão imperialista europeia nas denominadas áreas periféricas.



**Comentário:**

O controle indireto não foi o modelo hegemônico ou principal executado na África e na Ásia. Seu principal exemplo foi o da Índia em determinada fase de expansão da Inglaterra, mas não se constituiu no padrão da dominação europeia nestes continentes. Item errado.

( ) Segundo Rosa Luxemburgo e Lênin, o imperialismo representava forma colonial de capitalismo, fusão do capitalismo industrial com a formação de oligopólios.

**Comentário:**

Como vimos em nossa explanação, o que une as explicações marxistas do imperialismo – por mais que haja diferenças entre elas – é a umbilical relação entre o imperialismo e o capitalismo. Ou seja, o imperialismo existe porque existe capitalismo. E enquanto este sistema econômico sobreviver, haverá ações imperialistas pelo mundo. No momento em que escreveram Rosa Luxemburgo e Lênin, o capitalismo estava em sua fase industrial avançada, em que em diferentes países formavam-se grandes oligopólios industriais unidos a bancos. Essas forças oligopólicas influenciariam – nesta perspectiva – os governos nacionais a expandirem suas áreas de domínio para, por consequência, abrirem mais mercados a estes grupos financeiro-industriais. Item correto.

( ) Durante o século XIX, o imperialismo europeu na África foi caracterizado pela ocupação gradual de grandes extensões territoriais, diferentemente do que ocorreu, nesse período, na América Latina.

**Comentário:**

A ação imperialista na África caracterizou-se pela ocupação das terras e controle dos autóctones. Nos países da América Latina, ocorreu a dominação econômica por meio dos tratados desiguais ou, como argumenta Halperín Donghi, a transferência da dependência econômica das metrópoles ibérica para, principalmente, a Inglaterra. Item correto.

( ) Ao contrário do que aparentava, o imperialismo formal, que caracterizou o final do século XIX, foi uma continuação histórica de processo anterior, que, já em curso na história do Atlântico Sul desde os tempos do mercantilismo, permitia a acumulação capitalista por meio do mercado de escravos e especiarias.

**Comentário:**

Essa questão é capciosa porque compara os movimentos de colonização dos séculos XVI-XVIII – também chamado de colonialismo de Antigo Regime – com aqueles realizados em fins do século XIX e início do século XX. O primeiro ponto que devemos levar em consideração é o mercantilismo. Peça central do colonialismo de Antigo Regime, deixa de existir nesta nova onda colonial. Como vimos, os tratados desiguais estabeleciam a implementação do liberalismo e de taxas preferenciais de comércio com nações desenvolvidas, o que não é caso dos mercados fechados do mercantilismo. Depois, temos a questão de ocupação dos espaços geográficos, que também são bastante diferentes. Com poucas exceções – como no caso da África do Sul – a migração em massa de europeus para colonizar as novas regiões não ocorreu. As potências europeias chegaram e estabeleceram seu domínio sob as elites tradicionais existentes na Ásia e na África e criaram



elites burocráticas para governá-las. Por fim, temos a questão da acumulação de capitais e dos produtos envolvidos. Para os estudiosos marxistas, o período de colonização dos séculos XVI-XVIII forneceu aos europeus a acumulação de capitais para a expansão ulterior do capitalismo. Durante o século XIX, a acumulação já havia sido realizada. O comércio realizado também foi muito diverso. Enquanto no Antigo Regime o foco foi, de fato, na escravidão e especiarias, no século XIX seria a exportação de bens industrializados dos países desenvolvidos para as colônias/países dominados. Item errado.

### CACD 2012 Questão 49

Com relação ao colonialismo europeu no século XIX, julgue (C ou E) os itens que se seguem.

( ) A disputa entre Portugal e Bélgica pelas riquezas minerais de Angola exemplifica a influência determinante exercida pela corrida colonial sobre a política continental, com a qual se envolveram as potências europeias no período de 1871 a 1890.

#### **Comentário:**

Não houve disputa entre Portugal e Bélgica pela Angola. Item errado.

( ) A Conferência de Berlim, realizada entre novembro de 1884 e fevereiro de 1885, consagrou o princípio da ocupação declarada de áreas em litígio, garantindo a soberania ao país que ocupava o território.

#### **Comentário:**

O princípio consagrado pela Conferência de Berlim não era o de ocupação, mas sim o de efetividade, isto é, só seriam reconhecidas as potências com controle efetivo sobre um determinado território. A mera ocupação não garantia legitimidade sobre a posse da terra. Item errado.

( ) O novo colonialismo europeu, identificado a partir do último terço do século XIX, retomou a corrida por possessões coloniais, motivado pelos mesmos interesses e inspirado pelas mesmas dinâmicas políticas, religiosas, civilizacionais e econômicas que marcaram o século XVI.

#### **Comentário:**

Como comentado anteriormente, muitas diferenças haviam entre o colonialismo de Antigo Regime e o Neocolonialismo. Vide último item da questão 49 de 2011. Item errado.

( ) A corrida colonialista do final do século XIX, para a qual serve de exemplo de ordem econômica o capitalismo industrial, necessitado, naquele momento, de ampliar o fornecimento de matérias-primas e de aumentar o mercado consumidor, resultou da conjunção de vários processos, entre os quais se incluem fatores de natureza estratégica e ideológica.

#### **Comentário:**



Como comentamos em nossa narrativa, uma das explicações para o fenômeno do imperialismo é dada pela necessidade do capitalismo de se expandir, sempre necessitando de mais mercados para manter os lucros elevados. Mas também entram alguns outros aspectos nessa expansão que fogem a meras considerações econômicas. Havia um forte discurso – que não deve ser entendido como simplesmente hipócrita ou vazio de sentido – que é o da superioridade dos homens brancos e da civilização ocidental. Muitos argumentavam sua dominação de outros povos sob alegação de que estavam levando o “progresso” e “civilização” para povos atrasados. Por outro lado, também entravam na “conta” questões estratégicas, como comentamos da preocupação inglesa com o avanço russo em regiões próximas à Índia, ou sua invasão do Egito para controlar a navegabilidade do Canal de Suez. Item correto.

## CACD 2015 Questão 57

Seguindo a marcha de afirmação da Revolução Industrial, o século XIX testemunhou a consolidação do capitalismo como um sistema que estende seu domínio sobre as demais formas de organização da economia. Como já previa o Manifesto Comunista, de 1848, ele se universalizou, incorporando as mais diversas regiões do planeta. Esse processo de expansão é comumente denominado imperialismo e tem no neocolonialismo sua face mais visível.

Relativamente a esse cenário que desvela, sob o ponto de vista econômico, a contemporaneidade, julgue (C ou E) os itens seguintes.

1 A expansão imperialista do século XIX encontrou unidade e consistência na ideia, disseminada à exaustão, de que a expansão seria benéfica para os povos por ela atingidos: assim, levar o progresso e propagar a civilização seria missão e direito; e a incompreensão dos beneficiários seria o “fardo do homem branco”, na conhecida expressão de Kipling.

### **Comentário:**

Como comentamos, havia um forte componente ideológico na expansão imperialista, a “superioridade da civilização ocidental” sobre as demais, que gerava um imperativo de ação, isto é, de levar o progresso a todos os povos do mundo. Certamente que os dominados não compreendiam, na visão dos colonizadores, a benfeitoria que estava sendo realizada. Daí o “fardo” que os ocidentais carregavam – trazer bens, mas ser visto como mal. Item correto.

2 Na Índia, o impacto da dominação britânica pode ser sintetizado em dois aspectos essenciais: a desarticulação da economia artesanal, especialmente a rural, e a exploração imperialista sistemática, ou seja, a adoção de determinadas práticas de dominação e de controle pelos ingleses.

### **Comentário:**

De fato, o domínio imperialista inglês sobre a Índia levou à inundação do mercado indiano de produtos britânicos. Os baixos custos – frutos do aprofundamento da revolução industrial – desarticulou a economia indiana baseada no artesanato, que normalmente gerava produtos mais caros, dada a característica da produção artesanal. Quanto ao controle inglês sobre a Índia, vimos que o subcontinente foi dominado por



meio dos *indirect rules* e era a “jóia da Coroa Britânica”, sistematicamente dominada e controlada pelo governo inglês. Item correto.

3 No Extremo Oriente, a expansão do mercado capitalista foi facilitada pelo fato de que China e Japão eram sociedades historicamente abertas ao intercâmbio com estrangeiros, o que pode ser comprovado pela presença, em ambos os países, de número considerável de comerciantes e missionários ocidentais.

**Comentário:**

Bem, como afirmamos na aula, China e Japão eram fechados ao mundo ocidental desde que tiveram contato com missionários e comerciantes europeus no século XVI. Os cristãos são perseguidos no Japão de Tokugawa e a China se fecha completamente ao exterior. Somente no século XIX, então, é que esses dois países seriam abertos – lembrando, à força – para o mundo ocidental. Item errado.

4 Ainda que possa ser interpretada como uma continuidade da expansão ocorrida na Idade Moderna, a expansão capitalista ao longo do século XIX assumiu novas características em termos de motivações inspiradoras, métodos utilizados e objetivos perseguidos.

**Comentário:**

Isso mesmo! A expansão capitalista continuou, mas sob novas facetas, como afirmamos repetidas vezes aqui. Não é uma mera continuação do colonialismo de antigo Regime, haja vista que há novos objetivos, meios e justificativas para essa nova expansão. Item correto.

**CACD 2016**  
**Questão 59**

Com relação ao colonialismo e ao imperialismo no século XIX e no início do século XX, julgue (C ou E) os próximos itens.

1 Na Conferência de Berlim (1884-1885), Portugal viu-se forçado a abrir mão das suas principais possessões coloniais na África, a saber, dos territórios que hoje correspondem, mais ou menos, a Angola e Moçambique.

**Comentário:**

Portugal não foi obrigado a abrir mão de Angola e Moçambique, Na realidade, o pequeno país ibérico foi forçado a abrir mão de seu plano (Mapa Cor-de-Rosa) que pretendia unir territorialmente essas duas colônias africanas. Item errado.

2 As múltiplas disputas entre Grã-Bretanha e Alemanha por colônias na África e na Ásia, na virada do século XIX para o século XX, e a inexistência de processos de regulação dessas disputas, constituem a principal causa da deflagração da Primeira Guerra Mundial.

**Comentário:**



O erro da questão se encontra na afirmação “inexistência de processos de regulação dessas disputas”. Na realidade, havia sim mecanismos regulatórios das disputas territoriais e diplomáticas entre as potências envolvidas na disputa neocolonialista, o que, no entanto, nem sempre incorria em pacificação destas disputas. Item errado.

3 A derrota britânica na Guerra de Independência travada pelas treze colônias inglesas da América do Norte, a independência do Haiti em relação à França, bem como os processos de emancipação frente às metrópoles ibéricas, conduzidos nas Américas do Sul e Central nas primeiras décadas do século XIX, marcaram o fim do colonialismo típico do Antigo Regime e o início de uma nova fase da história colonial europeia.

**Comentário:**

Como vimos, depois das independências na América ocorridas em fins do século XVIII e início do século XIX, as potências europeias tomaram um tempo para realizarem nova expansão. E esse novo movimento foi diferente, como abordado aqui. Item correto.

4 Em razão do seu próprio passado colonial e do seu considerável mercado consumidor interno, os Estados Unidos da América abstiveram-se de participar da expansão colonial levada adiante pela maioria das grandes potências mundiais no último quarto do século XIX.

**Comentário:**

Vimos nesta e em outra aula que ao contrário do que afirma a questão, os EUA participaram ativamente da corrida imperialista, tanto na América quanto na Ásia – caso de sua intervenção na China e no Japão. Item errado.

**CACD 2017**  
**Questão 60**

Durante o século XIX, o expansionismo europeu sofreu um grande impulso, e a Ásia, a África e a Oceania foram divididos em zonas ocupadas pelos europeus ou sob influência europeia. A respeito desse tema, julgue (C ou E) os seguintes itens.

1 Para evitar sucumbir ao domínio europeu, o Japão assinou com os Estados Unidos da América o Tratado de Amizade e Cooperação, em 1853, o que possibilitou a modernização da economia japonesa e a construção de uma Marinha de Guerra, dando início à Revolução Meiji.

**Comentário:**

Item bastante factual. O tratado de Amizade e Cooperação mencionado acima foi realizado em 1858. O tratado de Kanagawa foi realizado em 1854 entre os EUA e o Japão e teve como consequência a abertura de dois portos japoneses aos americanos e o fim da política de isolacionismo japonês. Nenhum dos dois tratados, entretanto, estipulava em seus termos a modernização econômica japonesa ou a construção de



uma Marinha de Guerra. Ainda poderíamos questionar o uso da expressão “Revolução Meiji”, já que comumente nos referimos à modernização japonesa como “Restauração Meiji”. Item errado.

2 Na Conferência de Bandung, já no século XX, os Estados afroasiáticos se apresentaram como um bloco organizado perante o resto do mundo, e seus participantes tinham economias essencialmente agrícolas, exceto o Japão.

**Comentário:**

O item se refere a um conteúdo mais a frente, no contexto da descolonização, mas podemos respondê-lo. Basicamente o item explica o que foi a conferência de Bandung em linhas gerais. Vale a pena dizer acrescentar que o sonho de Bandung não se realizou e o “Terceiro Mundo” não vingou enquanto bloco organizado, logo aparecendo fraturas e divergências de interesses entre os países que participaram da reunião e dos que viriam a obter suas independências posteriormente. Item correto.

3 No Extremo Oriente, o colonialismo foi um projeto coletivo iniciado pelo Reino Unido e pela França, ao qual mais tarde aderiu a Alemanha.

**Comentário:**

O item foi anulado pelo gabarito oficial. Podemos tentar entender essa anulação a partir da afirmação que o colonialismo foi um “projeto coletivo”. Embora tenha sido realizado pelos países mencionados, não se pode dizer que tenha sido em conjunto, como a expressão deixa entrever por sua ambiguidade. Anulado.

4 A conquista da Índia pelos britânicos foi feita, inicialmente, por meio da Companhia das Índias Orientais, sob a proteção do governo britânico.

**Comentário:**

O primeiro movimento sistemático de colonização do subcontinente Indiano deu-se com o esforço da empresa “Companhia das Índias Orientais”, que recebeu apoio do governo britânico, mas montou, ela mesma, a organização política e administrativa dos povos do subcontinente. A Cia das Índias Orientais utilizou os *indirect rules* para governar o imenso território, apoiando-se nas elites locais. O governo britânico passaria a governar a Índia a partir da segunda metade do século XIX, precisamente após a revolta dos cipayos em 1857. Item correto.

## Questão 61

No século XIX existiu na Europa um dinamismo que excedia tudo o que se conhecia até então. O poder da Europa vibrava como nunca: poder técnico, poder econômico, poder cultural, poder intercontinental. De fato, os europeus foram levados a se sentir não só poderosos, mas também superiores. Impressionaram-se infinitamente com as invulgares ‘forças’ que os circundavam. Viam novas forças físicas, desde a corrente elétrica à dinamite; novas forças demográficas que acompanhavam um aumento populacional sem



precedentes; novas forças sociais que trouxeram 'as massas' para o centro do interesse público; novas forças comerciais e industriais que resultaram de uma expansão sem paralelo dos mercados e da tecnologia.

Norman Davies. Europe – a history. London: Pimlico, 1997, p. 759 (traduzido e adaptado).

Tendo o fragmento de texto acima como referência inicial, julgue (C ou E) os itens a seguir.

2 Ao final do século XIX, quase a totalidade do território africano estava sujeita ao controle de países europeus como a Grã-Bretanha, a França, a Alemanha e Portugal.

**Comentário:**

Como vimos, no último quartel do século XIX, o continente africano caiu quase em sua totalidade ao domínio europeu, com exceção somente da Libéria e da Etiópia. Os maiores colonizadores Grã-Bretanha e França, além de Portugal, Bélgica, Espanha e Alemanha. Item correto.

3 Uma especificidade da colonização do Congo pela Bélgica foi o fato de o território africano ser considerado propriedade do rei Leopoldo II, e não do Estado belga.

**Comentário:**

O Congo foi uma propriedade privada do rei belga, uma situação completamente diferente das demais colônias europeias. Podemos considerá-lo como um "fazendeiro" do rei. Depois de denúncias de horrores cometidos aos autóctones, o parlamento belga retirou a propriedade do rei e transformou o território em colônia belga em 1908. Item correto.

4 O cenário econômico da maioria dos países da Europa ocidental do século XIX foi marcado por grande proliferação de associações mutualistas de crédito, caixas econômicas, companhias de seguros e empresas de capital aberto, assim como por um forte incremento da economia monetária.

**Comentário:**

Sem muito a acrescentar, o item destaca uma realidade que se desenvolveu na Europa desde do século XV/XVI e foi se incrementando e se complexificando a medida que o capitalismo se desenvolveu. Item correto.

**CACD 2018**  
**Questão 57**

Até 1880, em cerca de 80% do seu território, a África era governada por seus próprios reis, rainhas, chefes de clãs e de linhagens, em impérios, reinos, comunidades e unidades políticas de porte e natureza variados. No entanto, nos trinta anos seguintes, assistiu-se a uma transmutação extraordinária, para não dizer radical,



dessa situação. Em 1914, com exceção da Etiópia e da Libéria, a África inteira estava submetida à dominação de potências europeias e dividida em colônias de dimensões diversas, mas de modo geral, muito mais extensas do que as formações políticas preexistentes e, muitas vezes, com pouca ou nenhuma relação com elas.

Albert Adu Boahen. A África diante do desafio colonial. In: História geral da África, VII: África sob dominação colonial, 1880-1935 (editado por Albert Adu Boahen), 2.ª ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010, p. 3 (com adaptações).

Tendo o texto anterior como referência inicial, julgue (C ou E) os itens que se seguem.

1 O imperialismo estabeleceu novo paradigma de exploração colonial no continente africano, pautado a partir de então pela noção de ocupação efetiva e formalizado pela Conferência de Berlim.

**Comentário:**

Os autores que tratam do tema concordam que o paradigma de exploração colonialista foi diferente no contexto da expansão imperialista do século XIX. O princípio geral que guiará essa expansão e conquista colonial foi estabelecido formalmente no Congresso de Berlim de 1885 sob o signo da ocupação efetiva dos territórios, e não mera presença comercial ou declaração de ocupação. Item correto.

**CACD 2018**

**Questão 62**

A partir de meados do século XIX, muitas nações europeias que se encontravam em processo avançado de industrialização partiram pelo mundo em busca de matéria-prima, novos mercados consumidores de seus produtos e novas regiões para investimento de capitais. Acerca desse contexto histórico, julgue (C ou E) os itens que se seguem.

1 No Japão, a Revolução Meiji causou violenta revolta de grupos que defendiam uma política isolacionista. Esse conflito ocasionou o enfraquecimento do xogunato e fortaleceu o regime imperial.

**Comentário:**

O movimento de modernização que tomou conta do Japão na segunda metade do século XIX levou a resistências internas. O Imperador que encabeçou o processo teve de lidar com as classes tradicionais, destruindo revoltas e consolidando seu poder contra os antigos aristocratas. Item correto.

3 A Índia foi o país mais afetado pelo imperialismo britânico, que procurou impor seu domínio militar e cultural de forma muito forte, tendo causado levantes como o dos Sipaiois, que, posteriormente, inspiraram Mahatma Gandhi em sua luta pela independência.

**Comentário:**



Difícil uma afirmação de que qualquer país foi o “mais afetado pelo imperialismo”, afinal, qual seria o critério do “mais e do menos”? De qualquer forma, talvez pudéssemos considerar o Congo belga como o caso mais dramático do imperialismo europeu, dado o grande número de abusos perpetrados pelas autoridades, ainda que a Índia seja um caso emblemático do imperialismo. Por outro lado, a revolta dos Cipaios de 1857 foi violenta, método contrário ao que Gandhi inspiraria. Item errado.

## CACD 2019 Questão 58

Ouvimos dizer que, no vosso próprio país, o ópio é proibido com o máximo rigor e severidade: esta é uma forte prova de que sabeis muito bem como ele é danoso para a humanidade. Como não permitis que ele fira vosso próprio país, não deveríeis transferir droga tão prejudicial a outro país, e menos ainda para o Império do Meio. Dos produtos que a China exporta a vossos países, não há um que não seja benéfico para a humanidade. Isso sem mencionar nosso chá e ruibarbo, coisas sem as quais vossos países estrangeiros não poderiam passar um dia. Se nós, do Império Central, vos limitássemos do que é benéfico e vos privássemos de vossos desejos, como poderíeis vós, estrangeiros, existir?

LIN ZEXU. Carta de junho de 1839, Cantão, para sua Majestade a Rainha Vitória da Grã-Bretanha e da Irlanda, Londres. 2 f. Sobre o comércio de ópio na China, traduzido, com adaptações.

No que se refere aos conflitos conhecidos como as Guerras do Ópio (1839-1842 e 1856-1860), julgue (C ou E) os itens a seguir.

1 As Guerras do Ópio foram produto direto da competição entre as potências coloniais europeias e os Estados Unidos que disputavam entre si concessões do governo de Pequim.

### **Comentário:**

As Guerras do Ópio encontram sua explicação na vontade inglesa de exportar ópio produzido na Índia britânica para o grande mercado chinês. Em face dos problemas sociais que a droga causava na sociedade chinesa, os Qing tentaram barrar a importação, causando a retaliação do Reino Unido em duas ocasiões. Assim sendo, não há correlação entre as disputas entre as potências imperialistas e o conflito. Item errado.

2 A incontestável vitória britânica na primeira Guerra do Ópio foi facilitada pelo controle inglês sobre o porto de Hong Kong.

### **Comentário:**

O único erro que encontramos neste item se refere à informação de que o controle britânico sobre Hong Kong se deu ao longo da primeira guerra do ópio. Em tese, Hong Kong apenas passou para o controle inglês com o Tratado de Nanquim, assinado em 1842, onde se estabeleciam as indenizações de guerra. Item errado.



3 Apenas com a derrota na segunda Guerra do Ópio, a China viu-se obrigada a permitir a instalação de representações estrangeiras residentes na respectiva capital imperial.

**Comentário:**

De fato, após a assinatura do “Tratado de Tianjin”, o governo chinês se viu obrigado a pôr fim em sua política de intransigência. Item correto.



## LISTA DE QUESTÕES

### 1. CESPE ABIN 2018

74 Como resultado do expansionismo europeu do final do século XIX, os portugueses colonizaram o litoral de Angola e Moçambique, mas não conseguiram avançar para o interior desses territórios.

75 No final do século XIX, o Japão tornou-se uma potência colonialista, como o demonstra a Primeira Guerra Sino-Japonesa.

### 2. CACD 2005

#### Questão 10

Na segunda metade do século XIX, o imperialismo — inclusive por sua vertente neocolonialista — atesta o grau de desenvolvimento do capitalismo e sua incessante busca de conquista dos mercados mundiais. A respeito desse processo de expansão, julgue (C ou E) os itens seguintes.

( ) O surgimento de uma Alemanha unificada, a partir de 1870, adicionou elemento novo e potencialmente explosivo na acirrada competição por colônias e mercados encetada pelas potências industrializadas. Esse novo elemento está na raiz de sucessivas crises que, em princípios do século XX, desnudaram a precariedade do equilíbrio de poder e do quadro de paz existente na Europa.

( ) A Conferência de Berlim, em fins da década de 80, tratou da partilha da África entre os grandes Estados europeus. Digna de destaque foi a preocupação registrada no documento oficial do encontro, qual seja, a de se respeitar a identidade étnico-cultural dos povos africanos no momento da definição das fronteiras coloniais.

( ) A fragilidade do Estado chinês, imerso em profunda crise interna, facilitou a presença, nesse país, do imperialismo ocidental na segunda metade do século XIX. Em pouco tempo, boa parte do litoral da China passou ao controle das potências ocidentais e, graças a tratados desiguais, a elas foi conferido o direito de extraterritorialidade.

( ) Foge aos padrões tradicionais a forma pela qual o Japão reagiu às pressões externas para que abrisse seu mercado ao comércio internacional. A Era Meiji, iniciada nesse contexto de expansão do capitalismo, significou a decisão de se proceder à modernização do país, inserindo-o na nova economia mundial, sem que se abdicasse da soberania.

### 3. CACD 2006

Texto para a questão 53.

O século XX coincidiu com a máxima expansão das categorias fundamentais do mundo moderno — sujeito e trabalho —, eixos que presidiram a atualização e exasperaram os limites do liberalismo e do socialismo, as



duas grandes utopias da modernidade. Tais utopias não nasceram no século XX, mas este foi o laboratório mais distendido de todas elas, o campo concreto de experimento de suas virtualidades, das suas figuras e de sua imaginação. Talvez por isso o século XX exiba uma característica única e contraditória: parece ter sido o mais preparado e explicado pelos séculos anteriores e, simultaneamente, o que mais distanciou a humanidade de seu passado, mesmo o mais próximo, decretando o caráter obsoleto de formas de vida e sociabilidade consolidadas durante milênios. O século XX foi o salto definitivo da humanidade para o futuro, para a história entendida como transformação permanente e fluxo contínuo do tempo em direção a um tempo de abundância e liberdade, perspectiva avalizada pela sistemática ampliação das promessas da ciência, da tecnologia, das novas modalidades de organização social e da produção material. Um século, portanto, de mandamentos utópicos que sacrificaram o passado e seus mitos, mudaram o ritmo da vida e ocidentalizaram a Terra, tornando-a mais homogênea e seduzida por semelhantes imagens de futuro. Nesse sentido, nada mais próximo e nada mais distante do século XIX do que o século XX.

Rubem Barboza Filho. Século XX: uma introdução (em forma de prefácio). In: Alberto Aggio e Milton Lahuerta (orgs.). Pensar o século XX: problemas políticos e história nacional na América Latina. São Paulo: Editora UNESP, 2003, p. 16 (com adaptações).

### Questão 53

No quadro mais amplo da contemporaneidade, o texto aproxima e distingue tendências do século XIX e do século XX. Nesse contexto, julgue (C ou E) os itens seguintes.

( ) A Revolução Industrial consolida novas relações de produção e, ao promover a expansão imperialista, contemplando novas formas de dominação colonial, estende a atuação do moderno capitalismo às mais distantes regiões do planeta.

( ) Ao contrário da Ásia e, particularmente, da África, ambas repartidas entre as principais potências ocidentais, a América Latina praticamente não sofreu a ação do imperialismo, o que se explica pelo fato de, em larga medida, as antigas colônias ibéricas terem conquistado sua independência na primeira metade do século XIX.

( ) Liberalismo e socialismo são duas das grandes representações do século XIX que estendem sua presença no século seguinte. Ao passo que o socialismo foi empunhado por setores da burguesia comprometidos com a justiça social e com uma face mais humanizada do capitalismo, o liberalismo mostrou, desde o primeiro momento, ser o abrigo natural dos grupos democrático-radicais.

( ) Entre as últimas décadas do século XIX e as primeiras do século XX, as disputas imperialistas e o jogo de interesses conflitantes entre as grandes potências européias inscrevem-se entre os fatores determinantes, mas não únicos, para a eclosão da Grande Guerra de 1914.

## 4. CACD 2009 (caderno verde)

### Questão 74

No que concerne ao domínio de potências coloniais na Ásia, no início do século XX, julgue (C ou E) os próximos itens.



- ( ) A China, civilização milenar e até então com estrutura política própria, foi dividida em protetorados sob domínio das potências ocidentais, ficando o imperador com sua autoridade restrita a Pequim e arredores.
- ( ) A tentativa de modernização promovida pela imperatriz Tsenhi, na Reforma dos Cem Dias, gerou tensões que provocaram sua deposição, tendo a Revolução de 1911, que proclamou a República, posto fim à dinastia Manchu na China.
- ( ) O Japão preservou sua independência ao promover modernização de grande envergadura, assimilando métodos e costumes ocidentais.
- ( ) O novo poderio militar japonês ficou comprovado na guerra de 1904-1905 contra a Rússia.

## 5. CACD 2011

### Questão 49

O conceito de imperialismo é polissêmico, tendo sido utilizado pela historiografia mundial em referência a diferentes processos históricos. Acerca do imperialismo formal no final do século XIX e início do século XX, julgue (C ou E) os itens subsequentes.

- ( ) Os indirect rules, forma de ocupação territorial anglofrancesa na Ásia e na África, constituíram o modelo hegemônico de expansão imperialista europeia nas denominadas áreas periféricas.
- ( ) Segundo Rosa Luxemburgo e Lênin, o imperialismo representava forma colonial de capitalismo, fusão do capitalismo industrial com a formação de oligopólios.
- ( ) Durante o século XIX, o imperialismo europeu na África foi caracterizado pela ocupação gradual de grandes extensões territoriais, diferentemente do que ocorreu, nesse período, na América Latina.
- ( ) Ao contrário do que aparentava, o imperialismo formal, que caracterizou o final do século XIX, foi uma continuação histórica de processo anterior, que, já em curso na história do Atlântico Sul desde os tempos do mercantilismo, permitia a acumulação capitalista por meio do mercado de escravos e especiarias.

## 6. CACD 2012

### Questão 49

Com relação ao colonialismo europeu no século XIX, julgue (C ou E) os itens que se seguem.

- ( ) A disputa entre Portugal e Bélgica pelas riquezas minerais de Angola exemplifica a influência determinante exercida pela corrida colonial sobre a política continental, com a qual se envolveram as potências europeias no período de 1871 a 1890.
- ( ) A Conferência de Berlim, realizada entre novembro de 1884 e fevereiro de 1885, consagrou o princípio da ocupação declarada de áreas em litígio, garantindo a soberania ao país que ocupava o território.



( ) O novo colonialismo europeu, identificado a partir do último terço do século XIX, retomou a corrida por possessões coloniais, motivado pelos mesmos interesses e inspirado pelas mesmas dinâmicas políticas, religiosas, civilizacionais e econômicas que marcaram o século XVI.

( ) A corrida colonialista do final do século XIX, para a qual serve de exemplo de ordem econômica o capitalismo industrial, necessitado, naquele momento, de ampliar o fornecimento de matérias-primas e de aumentar o mercado consumidor, resultou da conjunção de vários processos, entre os quais se incluem fatores de natureza estratégica e ideológica.

## 7. CACD 2015

### Questão 57

Seguindo a marcha de afirmação da Revolução Industrial, o século XIX testemunhou a consolidação do capitalismo como um sistema que estende seu domínio sobre as demais formas de organização da economia. Como já previa o Manifesto Comunista, de 1848, ele se universalizou, incorporando as mais diversas regiões do planeta. Esse processo de expansão é comumente denominado imperialismo e tem no neocolonialismo sua face mais visível.

Relativamente a esse cenário que desvela, sob o ponto de vista econômico, a contemporaneidade, julgue (C ou E) os itens seguintes.

1 A expansão imperialista do século XIX encontrou unidade e consistência na ideia, disseminada à exaustão, de que a expansão seria benéfica para os povos por ela atingidos: assim, levar o progresso e propagar a civilização seria missão e direito; e a incompreensão dos beneficiários seria o “fardo do homem branco”, na conhecida expressão de Kipling.

2 Na Índia, o impacto da dominação britânica pode ser sintetizado em dois aspectos essenciais: a desarticulação da economia artesanal, especialmente a rural, e a exploração imperialista sistemática, ou seja, a adoção de determinadas práticas de dominação e de controle pelos ingleses.

3 No Extremo Oriente, a expansão do mercado capitalista foi facilitada pelo fato de que China e Japão eram sociedades historicamente abertas ao intercâmbio com estrangeiros, o que pode ser comprovado pela presença, em ambos os países, de número considerável de comerciantes e missionários ocidentais.

4 Ainda que possa ser interpretada como uma continuidade da expansão ocorrida na Idade Moderna, a expansão capitalista ao longo do século XIX assumiu novas características em termos de motivações inspiradoras, métodos utilizados e objetivos perseguidos.

## 8. CACD 2016

### Questão 59

Com relação ao colonialismo e ao imperialismo no século XIX e no início do século XX, julgue (C ou E) os próximos itens.



1 Na Conferência de Berlim (1884-1885), Portugal viu-se forçado a abrir mão das suas principais possessões coloniais na África, a saber, dos territórios que hoje correspondem, mais ou menos, a Angola e Moçambique.

2 As múltiplas disputas entre Grã-Bretanha e Alemanha por colônias na África e na Ásia, na virada do século XIX para o século XX, e a inexistência de processos de regulação dessas disputas, constituem a principal causa da deflagração da Primeira Guerra Mundial.

3 A derrota britânica na Guerra de Independência travada pelas treze colônias inglesas da América do Norte, a independência do Haiti em relação à França, bem como os processos de emancipação frente às metrópoles ibéricas, conduzidos nas Américas do Sul e Central nas primeiras décadas do século XIX, marcaram o fim do colonialismo típico do Antigo Regime e o início de uma nova fase da história colonial europeia.

4 Em razão do seu próprio passado colonial e do seu considerável mercado consumidor interno, os Estados Unidos da América abstiveram-se de participar da expansão colonial levada adiante pela maioria das grandes potências mundiais no último quarto do século XIX.

#### CACD 2017

#### 9. Questão 60

Durante o século XIX, o expansionismo europeu sofreu um grande impulso, e a Ásia, a África e a Oceania foram divididos em zonas ocupadas pelos europeus ou sob influência europeia. A respeito desse tema, julgue (C ou E) os seguintes itens.

1 Para evitar sucumbir ao domínio europeu, o Japão assinou com os Estados Unidos da América o Tratado de Amizade e Cooperação, em 1853, o que possibilitou a modernização da economia japonesa e a construção de uma Marinha de Guerra, dando início à Revolução Meiji.

2 Na Conferência de Bandung, já no século XX, os Estados afroasiáticos se apresentaram como um bloco organizado perante o resto do mundo, e seus participantes tinham economias essencialmente agrícolas, exceto o Japão.

3 No Extremo Oriente, o colonialismo foi um projeto coletivo iniciado pelo Reino Unido e pela França, ao qual mais tarde aderiu a Alemanha.

4 A conquista da Índia pelos britânicos foi feita, inicialmente, por meio da Companhia das Índias Orientais, sob a proteção do governo britânico.

#### 10. Questão 61

No século XIX existiu na Europa um dinamismo que excedia tudo o que se conhecia até então. O poder da Europa vibrava como nunca: poder técnico, poder econômico, poder cultural, poder intercontinental. De fato, os europeus foram levados a se sentir não só poderosos, mas também superiores. Impressionaram-se infinitamente com as invulgares 'forças' que os cercavam. Viam novas forças físicas, desde a corrente elétrica à dinamite; novas forças demográficas que acompanhavam um aumento populacional sem



precedentes; novas forças sociais que trouxeram 'as massas' para o centro do interesse público; novas forças comerciais e industriais que resultaram de uma expansão sem paralelo dos mercados e da tecnologia.

Norman Davies. Europe – a history. London: Pimlico, 1997, p. 759 (traduzido e adaptado).

Tendo o fragmento de texto acima como referência inicial, julgue (C ou E) os itens a seguir.

2 Ao final do século XIX, quase a totalidade do território africano estava sujeita ao controle de países europeus como a Grã-Bretanha, a França, a Alemanha e Portugal.

3 Uma especificidade da colonização do Congo pela Bélgica foi o fato de o território africano ser considerado propriedade do rei Leopoldo II, e não do Estado belga.

4 O cenário econômico da maioria dos países da Europa ocidental do século XIX foi marcado por grande proliferação de associações mutualistas de crédito, caixas econômicas, companhias de seguros e empresas de capital aberto, assim como por um forte incremento da economia monetária.

## CACD 2018

### 11. Questão 57

Até 1880, em cerca de 80% do seu território, a África era governada por seus próprios reis, rainhas, chefes de clãs e de linhagens, em impérios, reinos, comunidades e unidades políticas de porte e natureza variados. No entanto, nos trinta anos seguintes, assistiu-se a uma transmutação extraordinária, para não dizer radical, dessa situação. Em 1914, com exceção da Etiópia e da Libéria, a África inteira estava submetida à dominação de potências europeias e dividida em colônias de dimensões diversas, mas de modo geral, muito mais extensas do que as formações políticas preexistentes e, muitas vezes, com pouca ou nenhuma relação com elas.

Albert Adu Boahen. A África diante do desafio colonial. In: História geral da África, VII: África sob dominação colonial, 1880-1935 (editado por Albert Adu Boahen), 2.ª ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010, p. 3 (com adaptações).

Tendo o texto anterior como referência inicial, julgue (C ou E) os itens que se seguem.

1 O imperialismo estabeleceu novo paradigma de exploração colonial no continente africano, pautado a partir de então pela noção de ocupação efetiva e formalizado pela Conferência de Berlim.

### 12. Questão 62

A partir de meados do século XIX, muitas nações europeias que se encontravam em processo avançado de industrialização partiram pelo mundo em busca de matéria-prima, novos mercados consumidores de seus



produtos e novas regiões para investimento de capitais. Acerca desse contexto histórico, julgue (C ou E) os itens que se seguem.

1 No Japão, a Revolução Meiji causou violenta revolta de grupos que defendiam uma política isolacionista. Esse conflito ocasionou o enfraquecimento do xogunato e fortaleceu o regime imperial.

3 A Índia foi o país mais afetado pelo imperialismo britânico, que procurou impor seu domínio militar e cultural de forma muito forte, tendo causado levantes como o dos Sipaios, que, posteriormente, inspiraram Mahatma Gandhi em sua luta pela independência.

### 13. CACD 2019 Questão 58

Ouvimos dizer que, no vosso próprio país, o ópio é proibido com o máximo rigor e severidade: esta é uma forte prova de que sabeis muito bem como ele é danoso para a humanidade. Como não permitis que ele fira vosso próprio país, não deveríeis transferir droga tão prejudicial a outro país, e menos ainda para o Império do Meio. Dos produtos que a China exporta a vossos países, não há um que não seja benéfico para a humanidade. Isso sem mencionar nosso chá e ruibarbo, coisas sem as quais vossos países estrangeiros não poderiam passar um dia. Se nós, do Império Central, vos limitássemos do que é benéfico e vos privássemos de vossos desejos, como poderíeis vós, estrangeiros, existir?

LIN ZEXU. Carta de junho de 1839, Cantão, para sua Majestade a Rainha Vitória da Grã-Bretanha e da Irlanda, Londres. 2 f. Sobre o comércio de ópio na China, traduzido, com adaptações.

No que se refere aos conflitos conhecidos como as Guerras do Ópio (1839-1842 e 1856-1860), julgue (C ou E) os itens a seguir.

1 As Guerras do Ópio foram produto direto da competição entre as potências coloniais europeias e os Estados Unidos que disputavam entre si concessões do governo de Pequim.

2 A incontestável vitória britânica na primeira Guerra do Ópio foi facilitada pelo controle inglês sobre o porto de Hong Kong.

3 Apenas com a derrota na segunda Guerra do Ópio, a China viu-se obrigada a permitir a instalação de representações estrangeiras residentes na respectiva capital imperial.



## GABARITO

GABARITO



1. E, C
2. C, E, C, C
3. C, E, E, C
4. E, E, C, C
5. E, C, C, E

6. E, E, E, C,
7. C, C, E, C
8. E, E, C, E
9. E, C, X, C
10. C, C, C

11. C
12. C, E
13. E, E, C





# ESSA LEI TODO MUNDO CONHECE: PIRATARIA É CRIME.

Mas é sempre bom revisar o porquê e como você pode ser prejudicado com essa prática.



**1** Professor investe seu tempo para elaborar os cursos e o site os coloca à venda.



**2** Pirata divulga ilicitamente (grupos de rateio), utilizando-se do anonimato, nomes falsos ou laranjas (geralmente o pirata se anuncia como formador de "grupos solidários" de rateio que não visam lucro).



**3** Pirata cria alunos fake praticando falsidade ideológica, comprando cursos do site em nome de pessoas aleatórias (usando nome, CPF, endereço e telefone de terceiros sem autorização).



**4** Pirata compra, muitas vezes, clonando cartões de crédito (por vezes o sistema anti-fraude não consegue identificar o golpe a tempo).



**5** Pirata fere os Termos de Uso, adultera as aulas e retira a identificação dos arquivos PDF (justamente porque a atividade é ilegal e ele não quer que seus fakes sejam identificados).



**6** Pirata revende as aulas protegidas por direitos autorais, praticando concorrência desleal e em flagrante desrespeito à Lei de Direitos Autorais (Lei 9.610/98).



**7** Concurseiro(a) desinformado participa de rateio, achando que nada disso está acontecendo e esperando se tornar servidor público para exigir o cumprimento das leis.



**8** O professor que elaborou o curso não ganha nada, o site não recebe nada, e a pessoa que praticou todos os ilícitos anteriores (pirata) fica com o lucro.



Deixando de lado esse mar de sujeira, aproveitamos para agradecer a todos que adquirem os cursos honestamente e permitem que o site continue existindo.